



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ - CCCO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS
NATURAIS/BIOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO - LATO SENSU
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE**

LAYLA MONIQUE CARNEIRO DOS SANTOS

**COCO BABAÇU E SUSTENTABILIDADE: VISIBILIDADE E RELEVÂNCIA DAS
QUEBRADEIRAS DE COCO DO BAIRRO SÃO FRANCISCO, CODÓ-MA**

CODÓ/ 2024

LAYLA MONIQUE CARNEIRO DOS SANTOS

**COCO BABAÇU E SUSTENTABILIDADE: VISIBILIDADE E RELEVÂNCIA DAS
QUEBRADEIRAS DE COCO DO BAIRRO SÃO FRANCISCO, CODÓ-MA**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Educação Ambiental e Sustentabilidade, do Centro de Ciências de Codó-CCCO, da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, como requisito final para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kelly Almeida de Oliveira

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos, Layla Monique Carneiro dos.

Coco babaçu e Sustentabilidade: : visibilidade e Relevância das Quebradeiras de Coco do bairro São Francisco, Codó -MA / Layla Monique Carneiro dos Santos. - 2024.

22 f.

Orientador(a): Kelly Almeida de Oliveira.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização) - Educação Ambiental e Sustentabilidade, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2024.

1. Educação Ambiental. 2. Quebradeiras de Coco Babaçu. 3. Práticas Sustentáveis. 4. Lutas Ambientais. 5. . I. Oliveira, Kelly Almeida de. II. Título.

LAYLA MONIQUE CARNEIRO DOS SANTOS

**COCO BABAÇU E SUSTENTABILIDADE: VISIBILIDADE E RELEVÂNCIA DAS
QUEBRADEIRAS DE COCO DO BAIRRO SÃO FRANCISCO, CODÓ-MA**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Educação Ambiental e Sustentabilidade, do Centro de Ciências de Codó-CCCO, da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, como requisito final para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade.

BANCA EXAMINADORA

Codó/MA _____/_____/_____

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kelly Almeida de Oliveira

Prof^a. M^a. Walquiria Costa Pereira
1^o Avaliadora

Prof. Dr. Dilmar Kistemacher
2^o Avaliador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelas bênçãos, cuidado e amor em cada detalhe da minha vida, pois somente o Senhor sabe o quanto foi difícil concluir o curso.

Agradeço ao meu marido Belmiro Silva pelo apoio e incentivo, a minha filha Aurora Silva por ser minha motivação e inspiração.

Agradeço a minha mãe Elisangela Carneiro pelo apoio e suporte, foi fundamental nessa etapa da minha vida e ao meu primo Lucas Silva pelo incentivo.

Agradeço as pessoas maravilhosas que encontrei ao longo do curso, Tacyd Carvalho, Raiane Lima, Carlene Barbosa, Everaldo Coelho e especialmente a Luziane Vieira, foram essenciais para a conclusão do curso.

Agradeço a professora Kelly Oliveira e ao professor Dilmar Kistemacher pela paciência e compreensão.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. LEGISLAÇÃO, LUTAS E CONQUISTAS	10
3. PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DAS QUEBRADEIRAS DE COCO.....	13
4. METODOLOGIA.....	14
5. RELEVÂNCIA DAS QUEBRADEIRAS DE COCO.....	15
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	21

COCO BABAÇU E SUSTENTABILIDADE: VISIBILIDADE E RELEVÂNCIA DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

Layla Monique Carneiro dos Santos¹

RESUMO

O texto aborda os conhecimentos e as práticas sustentáveis das Quebradeiras de coco do bairro São Francisco, localizada na cidade de Codó/MA. São mulheres consideradas autônomas e não possuem vínculo com nenhuma Associação das Quebradeiras de Coco. O trabalho possui como objetivo geral: Compreender como as práticas das Quebradeiras de coco estão relacionadas com as lutas ambientalistas. Como objetivos específicos, temos: Conhecer o trabalho desenvolvido pelas Quebradeiras de coco; Identificar as relações existentes entre as políticas e legislação ambientais com o trabalho desenvolvido pelas Quebradeiras de coco; Descrever as práticas sustentáveis desenvolvidas pelas Quebradeiras de coco nos babaçuais que repercutem nas lutas ambientalistas. Para alcançar os objetivos foi realizado um estudo bibliográfico no qual abordamos as seguintes temáticas: Legislações, lutas e conquistas das Quebradeiras de coco, salientando o estudo de Araújo Junior, Dmitruk, Moura, (2014); As práticas sustentáveis das Quebradeiras de coco, destacando os estudos de Matos; Shiraishi Neto; Ramos, (2015), além de abordar as leis: Lei de Terras n. 2.979 e Lei do Babaçu Livre nº 4.734. Desenvolvemos também uma pesquisa de campo com 8 mulheres Quebradeiras de coco que residem no bairro São Francisco, tendo como instrumento uma entrevista semi estruturada contendo 6 questões discutidas ao longo do texto. Observa-se que as participantes não possuem conhecimentos da lei que garante a preservação dos babaçuais. Concluímos que as Quebradeiras enfrentam dificuldades para reconhecer a importância do seu trabalho para a sociedade e para a conservação do meio ambiente.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Quebradeiras de Coco Babaçu; Práticas Sustentáveis; Lutas Ambientalistas.

Abstract

The text addresses the knowledge and sustainable practices of Quebradeiras de coco in the São Francisco neighborhood, located in the city of Codó/MA. They are women considered autonomous and have no connection with any Coconut Breakers Association. The work's general objective is to: Understand how the practices of Coconut Breakers are related to environmental struggles. As specific objectives, we have: To understand the work carried out by Quebradeiras de coco; Identify the relationships between environmental policies and legislation and the work carried out by Quebradeiras de coco; Describe the sustainable practices developed by Quebradeiras de coco in babassu groves that have an impact on environmental struggles. To achieve the objectives, a bibliographic study was carried out in

¹Layla Monique Carneiro dos Santos, professora da Educação básica, modalidade Educação de Jovens, Adultos e Idosos, graduada em Pedagogia pela UFMA e especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Matemática pela UFMA, graduanda de Educação Especial e Inclusiva pela UEMA.

which we addressed the following themes: Legislation, struggles and achievements of the Coconut Quebradeiras, highlighting the study by Araújo Junior, Dmitruk, Moura, (2014); The sustainable practices of Quebradeiras de coco, highlighting the studies of Matos; Shiraishi Neto; Ramos, (2015), in addition to addressing the laws: Land Law n. 2,979 and Free Babaçu Law nº 4,734. We also developed field research with 8 Coconut Quebradeiras women who live in the São Francisco neighborhood, using a semi-structured interview as an instrument containing 6 questions discussed throughout the text. It is observed that the participants do not have knowledge of the law that guarantees the preservation of babassu trees. We conclude that the Quebradeiras have difficulty recognizing the importance of their work for society and for the conservation of the environment.

Key words: Environmental education; Babassu coconut breakers Sustainable practices; Environmentalist struggles

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda os conhecimentos e as práticas sustentáveis das Quebradeiras de coco (QBC)² do bairro São Francisco, localizada na cidade de Codó/MA. Estas mulheres são consideradas autônomas e não possuem vínculo com nenhuma Associação das Quebradeiras de Coco por razões pessoais que serão abordadas e discutidas ao longo do texto, porém possuem um leque de conhecimentos e vivências que podem ser relacionadas com as lutas ambientalistas.

A atividade extrativista é marcante no município de Codó. A quebra de coco é um meio de obter uma renda para o sustento da família, Agostinho (2012, p. 309) “há um número considerável de famílias que se utiliza do extrativismo como fonte de renda complementar ou até mesmo principal”. Dessa forma, é possível observar uma relação das Quebradeiras de coco com o meio ambiente, pois o babaçu apresenta-se como um elemento de grande importância, tanto pelo seu valor econômico e cultural, quanto pelo seu papel na conservação da biodiversidade. Assim, a quebra de coco babaçu tem se mostrado um recurso fundamental capaz de atuar em prol da sustentabilidade e da preservação dos recursos naturais.

Nesse sentido, o Maranhão é responsável por um extenso território de palmeiras. Oliveira (2019, p. 17) afirma que “é o estado brasileiro com maior índice de babaçuais”. Os palmeirais podem ser encontrados em diferentes cidades, denominadas Região dos Cocais. Oliveira (2018, p.24) destaca que “a região inclui outros quatro municípios; Alto Alegre, Coroatá, Peritoró e Timbiras”, entretanto pela ganância e desvalorização do ser humano é possível o desmatamento e queimada de maneira desenfreada nessas áreas.

Assim o Governo necessitou criar a Lei do Babaçu Livre, nº 4.734 de 18 de junho de 1986. Esta lei disponibiliza acesso aos babaçuais para as Quebradeiras de coco e as ajudam a lutarem pela conservação e preservação dos babaçuais. Entretanto, é necessário conhecer, discutir e refletir sobre quem são as QBC e como seu trabalho está relacionado com as práticas referentes aos cuidados com o meio ambiente e sustentabilidade, potencializando a voz e visibilidade para essas mulheres, além de ser relevante adquirir e transmitir conhecimentos que as mesmas obtêm e são compartilhados de geração a geração.

O interesse pelo tema surgiu a partir de diferentes vivências, iniciando com uma

²Ao longo do texto as Quebradeiras de coco serão citadas pelas siglas QBC.

lembrança da minha infância, quando minha avó trabalhava com artesanato e sua principal matéria prima era o coco babaçu. Juntamente com outras mulheres, ela possuía uma loja de artesanato na cidade de Codó/MA. Nesse sentido, ao longo da minha vida, me deparei com diferentes mulheres que trabalham no interior e são QBC. Observei o impacto do coco babaçu em suas vidas e como sua atividade está entrelaçada com as questões econômicas, afetivas e ambientais.

Considerando este contexto, temos a seguinte questão: Como as práticas das Quebradeiras de coco estão relacionadas com as lutas ambientalistas? Para responder esta questão, o trabalho possui como objetivo geral: compreender como as práticas das Quebradeiras de coco estão relacionadas com as lutas ambientalistas. Como objetivos específicos, temos: conhecer o trabalho desenvolvido pelas Quebradeiras de coco; identificar as relações existentes entre as políticas e legislação ambientais com o trabalho desenvolvido pelas Quebradeiras de coco; descrever as práticas sustentáveis desenvolvidas pelas Quebradeiras de coco nos babaçuais que repercutem nas lutas ambientalistas.

Para fundamentar o artigo e ampliar a discussão referente a relevância e direitos das QBC será apresentado as ideias de Araújo Junior, Dmitruk, Moura,(2014); Matos, Shiraishi Neto e Ramos (2015), Oliveira (2018). Nesse sentido a pesquisa realizada tem caráter qualitativo, realizada com 8 participantes do sexo feminino, tendo como instrumento uma entrevista semi estruturada contendo 6 questões,

Dessa forma, o artigo está organizado em Introdução, Legislações, lutas e conquistas das QCB; As práticas sustentáveis das QBC; Metodologia; Relevância das quebradeiras de coco e Considerações finais.

2. LEGISLAÇÕES, LUTAS E MOVIMENTOS DAS QBC

O Brasil é rico em flora e fauna, uma das suas principais árvores são as palmeiras de babaçu. Sua concentração está localizada no Nordeste, conforme Araújo Junior, Dmitruk, Moura,(2014, p. 146) afirmam “o Maranhão é o Estado que concentra a maior parte de palmeiras de babaçu do Brasil, porém essas áreas estão localizadas em propriedades privadas”.O que ocasiona conflitos entre as QBC com os latifundiários. Para Agostinho (2012, p. 306) “um dos principais palcos de conflito, na ótica ambiental, é a disputa pelos espaços.” Esse conflito não é de hoje, mas se perpetua ao longo dos anos, ocasionando assim vários desafios a serem enfrentados pelas QBC.

No ano de 1960 esse conflito se intensificou com a Lei de Terras n. 2.979 de 17 de julho de 1969, conhecida como Lei de Terras Sarney, para Araújo Junior, Dmitruk, Moura,(2014, p. 138) está lei “garantiu aos fazendeiros condições de acúmulo das árvores afastando a moradia das quebradeiras de coco das áreas de acesso às palmeiras”. Após sancionada, essa lei favoreceu os fazendeiros, intensificando as dificuldades que as QBC encontravam em seu trabalho. Além do processo sofrido da quebra de coco e a invisibilidade de sua profissão, surgiu, a partir da referida lei, o afastamento de seu ambiente de trabalho para aumentar a renda dos latifundiários.

Para Viana; Pietro (2020, p. 41) “a partir da Lei de Terras do Maranhão de 1969, historicamente, vem se realizando permeada pelo conflito entre a lógica das quebradeiras de coco babaçu, e sua ordem moral,e a lógica capitalista”, ou seja, a lógica capitalista é representada pelos donos das terras que as receberam em razão da Lei de Terras Sarney. Dessa maneira, há o aumento do desmatamento, para obter lucro, enquanto que, por outro lado, asQBC possuem uma atitude diferenciada, pois desejam conservar e preservar os babaçuais, para assim garantir a continuidade de sua profissão.

Nesse sentido, a década de 1990 é marcada pelo avanço das QBC na luta contra os latifundiários e o acesso livre às palmeiras.Araújo Junior, Dmitruk, Moura, (2014, p. 140) salientam que “O Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu MIQCB é hoje forte instrumento de mobilização das quebradeiras de coco.” Ocorreram três encontros para que o movimento ganhasse força. O primeiro ocorreu na cidade de São Luís em 1991. O segundo aconteceu em 1993. O terceiro encontro aconteceu em 1995, foi quando o movimento recebeu a atual denominação (Araújo Junior, Dmitruk, Moura,2014, p. 140), enfatizando sua identidade e luta pela visibilidade da profissão e pela garantia de seus direitos.

Matos, Shiraishi Netoe Ramos (2015 p. 09), caracterizam a missão do (MIQCB) como;“organizar as quebradeiras de coco babaçu para conhecerem seus direitos, defenderem as palmeiras de babaçu, o meio ambiente e a melhoria das condições de vida nas regiões de extrativismo do babaçu” As QBC possuem um papel fundamental para proteção do meio ambiente, conforme Porro (2022, p. 03) ressalva que “as quebradeiras têm sua identidade vinculada à ocupação econômica que exercem, com forte ênfase para reivindicações de direito de acesso e de conservação dos babaçuais, seja em florestas secundárias de palmeiras, ou integrados em pastagens”.

Nesse sentido, com muita luta e persistência das QBC contra o crescente desmatamento, houve a implantação de uma lei para proteger, conservar e preservar os babaçuais. A lei Estadual foi denominada Lei do Babaçu Livre nº 4.734. Silva (2021, p. 13) define a lei como:

uma conquista dos movimentos sociais das quebradeiras de coco e não se restringe apenas ao livre acesso do babaçu e a proibição das derrubadas, pois também busca coibir a utilização de agrotóxicos nas áreas de babaçuais, as queimadas, corte dos cachos, e apresenta medidas de proteção ao babaçu e às quebradeiras de coco.(Silva, 2021, p. 13).

A partir desta lei, os municípios são responsáveis por elaborar sua própria lei referente às questões ambientais, especialmente, relacionadas às palmeiras. Entretanto, Araújo Junior, Dmitruk, Moura,(2014, p. 142) afirmam que “o primeiro município do Maranhão que contou com uma lei do babaçu livre, em 1997, foi Lago do Junco”. Os autores continuam apresentando os municípios que aderiram a Lei do Babaçu Livre, foram:

Lei n. 05/97 e Lei n. 01/2002 de Lago do Junco, Lei n. 32/99 de Lago dos Rodrigues, Lei n. 255/99 de Esperantinópolis, Lei n. 319/2001 de São Luiz Gonzaga, Lei n. 1.084/2003 de Imperatriz, Lei n. 466/2003 de Lima Campos, Lei n. 52/2005 de São José dos Basílios, Lei n. 01/2005 de Cidelândia, Lei n. 1.137/2005 de Pedreiras (Junior, Dmitruk, Moura, 2014, p. 142).

O município de Codó, apesar de ser rico em palmeiras e ter a forte presença das QBC, não possui uma lei referente às questões ambientais. Da mesma forma, muitos municípios do Maranhão ainda faltam elaborar suas leis e implementá-las. Silva (2022, p.24) afirma que “nem todas as regiões do estado essa temática tem sido tratada com devido apreço, havendo a necessidade de efetivação desta Lei”. Entretanto, é relevante salientar que por meio da luta das QBC ocorreram conquistas significativas no Maranhão. Para Silva (2021, p. 36) “as mulheres quebradeiras de coco babaçus são pioneiras na luta pelo direito a terra e aos babaçuais”. Porém há um caminho longo e árduo a percorrer. Viana; Pietro (2020, p, 42) destacam que:

Diante disso, faz-se necessário também compreender as quebradeiras de coco babaçu como uma categoria social do campesinato brasileiro, e que suas lutas e o processo de subjetivação política são essenciais para entender a questão agrária no Maranhão.

Ou seja, é relevante discutir e conhecer a identidade, as lutas e práticas das QCB, pois suas práticas possuem impactos econômicos, políticos, sociais, culturais e ambientais.

3. PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

As QCB desempenham um papel crucial na cadeia de produção do babaçu, um recurso natural de grande relevância ecológica, econômica e cultural para várias comunidades no Brasil. O babaçu é composto por quatro partes estas caracterizadas por Oliveira (2018, p. 21) como:

epicarpo (camada externa rígida e fibrosa,) corresponde em torno de 12,5% do fruto; mesocarpo (rico em amido) corresponde em torno de 20,4% do fruto; endocarpo (camada mais resistente) corresponde a 58,4% do fruto e as amêndoas que equivale a 8,7% do coco babaçu, sua quantidade pode variar de 3 a 4 amêndoas (Oliveira, 2018, p. 21).

Compreendemos que as ações ambientalmente corretas realizadas por essas mulheres não apenas asseguram a preservação dos babaçuais, como também impulsionam o desenvolvimento sustentável das comunidades locais. Os conhecimentos que as QCB possuem são essenciais para suas atividades de produção assim como para a preservação das palmeiras.

Conforme Matos, Shiraishi Netoe Ramos (2015, p.08), afirmam que “o conhecimento que as mulheres têm da palmeira é tão grande que ela é aproveitada de forma integral, gerando dezenas de produtos”. As QCB seguem o princípio do aproveitamento total do coco babaçu, usando todas as partes do fruto, minimizando, assim o desperdício. O epicarpo pode ser usado e aplicado em estofados de bancos de carros, vasos, placas, adubos ,etc; O mesocarpo é utilizado na fabricação de alimentos. O endocarpo é usado em artesanatos diversos. As amêndoas possuem uma gama de produtos podendo ser utilizados na alimentação, cosméticos e produtos de limpeza (Oliveira, 2018, p.21).

Dessa forma, a prática de aproveitamento integral não só aumenta a eficiência econômica da produção, mas também reduz o impacto ambiental. Ao adotar um manejo sustentável dos babaçuais, as QCB contribuem para a preservação da biodiversidade. As palmeiras de babaçu oferecem abrigo para diversas espécies de fauna e flora, e sua preservação é crucial para a manutenção dos ecossistemas locais. As QCB contribuem para proteger esses ambientes naturais, garantindo a continuidade dos serviços ecossistêmicos essenciais, como a polinização, a ciclagem de nutrientes e a regulação do clima (Anderson; May; Balick, 1991).

As QCB têm um papel crucial na educação ambiental e na preservação dos saberes tradicionais, já que elas compartilham suas habilidades e conhecimentos com as gerações

futuras. Matos, Shiraishi Netoe Ramos (2015 p. 08) afirmam que “a atividade de coleta, quebra e beneficiamento do coco babaçu é passada de uma geração a outra e realizada predominantemente por mulheres”, assegurando que as práticas sustentáveis sejam mantidas e aprimoradas ao longo do tempo.

As práticas sustentáveis das QBC babaçu representam um exemplo de harmonia entre o ser humano e a natureza. Assim é possível construir um futuro mais sustentável e justo, onde os recursos naturais são utilizados de forma responsável e as tradições culturais são preservadas e compartilhadas com as novas gerações.

4. METODOLOGIA

A pesquisa possui abordagem qualitativa, enfatizando as falas e vivências das participantes. Para Kauark, Manhães e Medeiros, (2010, p.26) “consideram que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Para atingir os objetivos. Assim, a metodologia foi organizada em duas etapas: bibliográfica e de campo, realizada com mulheres QBC do bairro São Francisco na cidade de Codó/MA.

A pesquisa foi realizada com 8 QBC autônomas que não possuem vínculo com nenhuma Associação. Elas são apresentadas no trabalho por meio de nomes fictícios de flores: Lírio, Gardênia, Açucena, Orquídea, Begônia, Primavera, Dália e Magnólia, em homenagem a suas vivências e experiências. Foi realizada uma visita à casa das participantes para realizar a entrevista, sendo gravada com a permissão de cada uma, por meio da assinatura do termo de consentimento.

O instrumento utilizado foi uma entrevista semi estruturada contendo 6 perguntas relacionadas a suas experiências, conhecimentos, e suas práticas sustentáveis por meio da extração do coco babaçu, especificamente 3 referentes a sua história e contexto de vida e 3 referentes às práticas sustentáveis de seu trabalho.

Logo após é apresentada a análise dos dados coletados. Eles foram transcritos e em seguida organizados em um quadro, destacando a pergunta. As respostas de cada participante foram relacionadas à visão de diferentes autores referente ao tema apresentado, e com isso, os diálogos foram construídos sistematicamente.

5. RELEVÂNCIA DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

A pesquisa foi realizada com oito participantes do sexo feminino com idades entre 35 a 85 anos. Elas se autoidentificam como QBC e lavradoras. Aprenderam e foram inseridas nessa profissão desde a infância por seus familiares, sendo compartilhado entre gerações.

Quadro 1 - História e Contexto

Perguntas	Há quanto tempo você trabalha como QBC?	Como vocês compartilham seus conhecimentos e técnicas com as novas gerações?	Pode descrever um dia típico de trabalho como quebradeira de coco?
Lírio	Comecei a quebrar coco com 10 anos, estou com 49 anos que quebro coco babaçu. Eu aprendi a quebrar coco com minha avó.	... tenho 5 filhos e duas filhas todos quebram,... agora os netos nenhum sabe quebrar.	No dia a gente sai de casa às 7:00 horas da manhã pra ir pro mato, eu já quebrei 13kg de coco que são 26 litros de coco que já quebrei por dia, já troquei muitas vezes o coco pelo alimento, 2 kg de coco antigamente era um 1 kg de arroz, teve um tempo que era 5kg pra trocar pelo 1kg de arroz...
Gardênia	Desde pequena com 11 anos de idade, eu ia pro mato fazendo companhia para minha mãe.	Não compartilhei, minha filha não sabe quebrar coco, as coisas já modificaram.	Saia pela manhã catava os cocos no mato, quebrava lá mesmo e só vinha no final da tarde.
Açucena	Trabalhei 40 anos quebrando coco. Aprendi com a minha mãe, tinha 5 anos de idade.	Compartilhei com meus filhos e netos, ... todos meus filhos sabem quebrar coco, só que foram para outros rumos.	A gente vai para o mato, consegue achar o coco e quebrar e passar um dia de fome.
Orquídea	Desde de 7 anos, quebro há 28 anos. Eu aprendi com minha mãe.	... eu não compartilhei com meus filhos, porque hoje tem outras possibilidades, outros conhecimentos, meus filhos não sabem quebrar coco	A gente amanhece o dia faz o frito pra levar pro mato, vai amolar o machado, cortar o cacete, aí a gente vai juntar os cocos e depois quebra.
Begônia	Comecei com 20 anos. Só olhando minha mãe	Olha, primeiro que a nova geração não quer nem saber disso. Quer	A gente vai pela manhã. Aí quando eu chego lá, a gente leva

		<p>não, minha filha? Ah, isso aí é coisa das antigas. Então eu não tenho como compartilhar, a não ser numa entrevista como essa.</p>	<p>comida pra cozinhar lá é que nós temos um ranchinho. Aí nós vamos pro mato, vamos juntar aquele coco, aí vamos carregar, levar pro rancho, aí lá nós senta e vamos quebrar. Aí às vezes eu quebro dois quilos, às vezes dois e meio, porque não tem como quebrar mais, porque a gente vai buscar o coco, é longe do rancho. Aí a gente tem que trazer na cabeça, no ombro, com aquela dificuldade todinha</p>
Tulipa	<p>Desde que eu nasci, eu comecei a quebrar coco, 10 anos de idade. ... aí minha mãe abria os coco assim e tem, aí eu ia tirando os caroços...</p>	<p>Às vezes eu ensino meus filhos meus netos, Como foi a minha vida no começo. Meus filhos nenhum sabem quebrar coco</p>	<p>Era normal, eu quebrava o coco no mato, quebrava em casa, eu ainda vou arrumar pra ir, mas o menino aqui no rio Codozinho...</p>
Dália	<p>Comecei com 10, 12 anos. Minha vó que me ensinou.</p>	<p>Eu falo como era antigamente, eu falo como era minha vida, digo o que passei.</p>	<p>Na hora que eu chegasse lá o machadinho eu já botava no jeito, agente sentava no chão, quando não era agente colocava umas palhas espalhadas no chão...</p>
Magnólia	<p>Acredito que foi com 10 anos de idade. Meu pai que me ensinou. Ele quebrava o coco, partia no meio, Aí dava pra mim, pra me tirar os carocinhos de furão.</p>	<p>Não tenho Filhos, mais compartilho com minhas sobrinhas e sobrinhos, procuro sempre mostrar para elas e eles a importância do babaçu em nossas vidas, sempre falando da nossa realidade, a importância de preservar as palmeiras, ter contato com elas, minhas sobrinhas todas conhecem a palmeira, o coco, azeite, adoram o contato com a natureza.</p>	<p>A gente vai pra pro mato, acho que em torno de umas 7 horas, 7 horas, 6 e meia, a gente chega lá, a princípio a gente vai procurar a palmeira que tem um coco bom, porque não é qualquer coco não, o pai sempre dizia, o coco macho a gente não pega, porque o coco macho é aquele coquinho bem mais quenininho, que geralmente só tem uns três caroços. Se o coco fosse bom, o caroço fosse bom, a gente juntava. Mas se o</p>

			caroço não fosse bom, a gente deixava lá guardadinho o coco, o coco pra poder fazer o carvão. Aí depois que a gente junta, a gente caça um local específico lá no meio do maço, pra gente deixar esse monte de coco todinho.
--	--	--	--

Pesquisa de campo, 2024.

É possível observar que Açucena é a participante mais nova e aprendeu a quebrar coco babaçu quando tinha somente 5 anos de idade, com sua mãe. Begônia foi a participante que aprendeu mais tarde, aos 20, também com sua mãe. Com relação às outras participantes, podemos observar que as idades variam entre 7 a 12 anos. Cabe mencionar que todas aprenderam com suas mães ou avós, ou seja, é um conhecimento compartilhado entre mãe e filhas. Oliveira (2019, p.22) esclarece que “é uma atividade, cujas habilidades herdaram das mães e avós”.

Ao serem perguntadas se permaneceram compartilhando seus conhecimentos, Açucena afirma que ensinou todos os filhos. Lírio explica que os filhos sabem quebrar coco, porém os netos não aprenderam, enquanto as outras participantes esclarecem que não ensinaram a prática de quebrar coco, mas relatam suas histórias e experiências para seus filhos.

Oliveira (2018, p.21) explica que “essas atividades são repassadas por mães e avós, portanto, mulheres, que fizeram uso desse aprendizado, preservado esse modo de saber viver através das suas filhas”. Ao relatarem suas vivências, a maioria das participantes afirmam que começam a jornada de trabalho a partir das 7 horas da manhã, vão para o “mato” próximo às margens do Rio Codozinho em um terreno na estrada de Timbiras. Ressaltamos que os babaçuais presentes nesse território possuem proprietários. Porém, as QBC possuem até o presente momento possuem acesso livre a eles.

Begônia esclarece que ela e o grupo de mulheres que a acompanha possuem um rancho próximo do terreno onde coletam o babaçu. A proximidade entre o rancho que possuem e o terreno que irão colher os cocos, possibilita a elas realizarem suas refeições, além de ser o local que realizam a quebra do coco. Dália relata que espalhava as palmeiras no chão para sentar e quebrava o coco no mesmo local que coletava, enquanto Tulipa explica que em determinadas situações, levava o babaçu para quebrar em casa. É possível observar que as

QBC não possuem um terreno próprio e não trabalham de forma individual. Elas trabalham geralmente em um conjunto de mulheres, desde o percurso de sua casa para o “mato”, a coleta e quebra do coco até a produção de diferentes produtos.

Conforme Sousa (2022, p.17)“a quebra do coco, ocorre, de forma geral, em rodas coletivas compostas por mulheres”, elas extraem os babaçus e produzem diferentes produtos, como: farinha de mesocarpo; sabão líquido e em barra; azeite; artesanatos, entre outras variedades. Esses produtos são obtidos a partir da extração dos cocos encontrados nas palmeiras. Conforme Matos, Shiraishi Netoe Ramos (2015 p. 17) explicam que “essa relação com a sustentabilidade e a preservação da natureza está presente em toda a prática cultural das quebradeiras”.

Além dos conhecimentos e práticas das QBC serem essenciais para o sustento de suas famílias, suas práticas são importantes para a conservação e preservação do meio ambiente. Compartilhar seus conhecimentos é uma forma de ensinar as novas gerações a cuidar do meio ambiente, além de adquirirem e colocarem em prática técnicas sustentáveis.

Quadro 2 - Práticas sustentáveis

Perguntas	Você conhece alguma política pública ou legislação que apoie as quebradeiras de coco babaçu?	Descreva as práticas sustentáveis desenvolvidas pelas Quebradeiras de Coco nos Babaçuais.	Quais técnicas vocês utilizam para garantir que a coleta do coco babaçu seja sustentável?
Lírio	No meu conhecimento não, se tem não conheço.	A gente não agride as palmeiras não, a gente pegar os cocos debaixo da palmeira, aí vem outros mais atrás junta também.	A gente pelos menos eu se ser baixa a palmeira eu derrubo o coco, se ser alto não derrubo não, espero cair, a gente pegar carrega na cabeça, mais e longe.
Gardênia	Não conheço.	A gente não agride o meio ambiente, só tira os cocos quando cai da palmeira.	Não soube responder
Açucena	Aqui em Codó tinha a carteira das quebradeiras de coco, ai o povo ia tinha o carro para levar e trazer para a gente ir quebrar o coco.	Não soube responder	A gente tirava o azeite e verdeamos, o coco também
Orquídea	Sim	A gente só retira o que a palmeira dá.	A gente retira o coco mais não agride a natureza, a gente só quer preservar, a gente não

			corta, preservar o máximo possível que pode.
Begônia	Olha, aqui, em nenhum desses municípios, por enquanto, eu não tenho conhecimento. Eu sei que tem associação das quebradeiras de coco	Não soube responder	... é não destruir o palmeiral, não derrubar as palmeiras, entendeu? Nós deixamos os pés de palmeira limpos, a gente desafoga os pés das palmeiras, pra elas ficarem mais à vontade. Outra coisa também, que uma coisa tem que ser feita, mas geralmente não é. Quando a palmeira é muito junta, muito ali, o palmeiral é muito escuro, você tem que derrubar algumas palmeiras, vai tirando que é pra vento poder entrar aí, entendeu?
Tulipa	Que apóia não, conheço não	Não sei	Não soube responder
Dália	Em Codó eu acho que sim, ouvi falar da Associação das quebradeiras de Codó, mas lei não.	Às árvores a gente não cortava, só cortava aquele matinho pequeno para sentar.	Não soube responder
Magnólia	Eu já ouvi falar em alguma política, mas de conhecer, não tem nenhuma lei que apoia as quebradeiras de coco, não. Aqui mesmo no bairro eu nunca ouvi falar de alguma associação, de alguma coisa que apoie as quebradeiras de coco, não. Nunca ouvi fala.	... não agredirem a natureza, não agredirem a palmeira, porque elas vão para o mato lá, mas ela só pega o coco quando cai no chão, quando cai no chão ela já não agride.	As técnicas são, a gente só coleta o coco quando cai da palmeira, não cortamos os cachos, não agredimos a palmeira, só retiramos o que a palmeira oferece para a gente.

Pesquisa de campo, 2024.

Realizamostrês perguntas referentes as práticas sustentáveis para as participantes, a primeira relacionada ao conhecimento sobre políticas públicas e legislação que apoiam as QBC, a resposta foi obtida da seguinte maneira: algumas disseram que não conhecem. Lírio enfatiza que as QBC nunca tiveram direitos, enquanto outras participantes esclarecem que ouviram falar da Associação das Quebradeiras de Coco, porém não possuem informações de como a mesma atua.

Dessa forma, percebemos que apesar de algumas relatarem que trabalham em terras privadas e seu acesso ser livre, não mencionaram a Lei de Terras José Sarney, também não mencionaram a Lei do Babaçu livre, Oliveira (2018, p. 40) salienta que “as quebradeiras de coco do município de Codó ainda não conseguiram ampliar os espaços políticos de articulação, aprovação e aplicabilidade da lei”, pois muitas não possuem conhecimentos que esta lei existe.

Nesse sentido, ao serem questionadas quais as práticas sustentáveis que utilizam, 3 participantes não souberam responder. Enquanto as outras 5 entrevistadas relatam que não agriem as palmeiras. Orquídea afirma que só retira “o que a palmeira dá”. Matos, Shiraishi Neto e Ramos (2015 p. 09) “realizam a atividade extrativa de forma sustentável, priorizando a preservação da natureza”.

Por fim, ao serem questionadas sobre quais técnicas utilizam para garantir que a coleta do coco babaçu seja sustentável, quatro entrevistadas não souberam responder, três entrevistadas afirmam não cortar as palmeiras. As QBC utilizam técnicas tradicionais que permitem a extração dos frutos sem prejudicar a regeneração natural das palmeiras. As QBC coletam apenas os cocos maduros que caem naturalmente no solo, evitando a derrubada das palmeiras e a degradação ambiental. Essa técnica garante que as palmeiras continuem a crescer e produzir frutos nas próximas safras, garantindo a sustentabilidade a longo prazo (Matos, Shiraishi Neto e Ramos, 2015 p. 17).

Enquanto uma participante relata os cuidados necessários para com o babaçu, Begônia explica a necessidade de cortar as palmeiras quando estão próximas demais para que consigam se fixar e frutificar de forma significativa. Oliveira (2019, p. 33) caracteriza a palmeira como:

grande porte podendo chegar até 20 metros de altura e ter entre 40 a 60 cm de diâmetro e dá um fruto de 10 a 12 cm de comprimento e 5 a 10 cm de diâmetro (...) demora nove meses para amadurecer, sendo que uma palmeira pode produzir uma média de até 5 a 6 cachos de coco por safra com a base de 300 a 500 cocos por cachos, essa produtividade varia de acordo com a estação das chuvas (Oliveira, 2019, p. 33).

Observamos que as QBC possuem uma riqueza de conhecimentos referentes às palmeiras, além de desenvolverem vínculos afetivos com elas. Afirmaram que amam seu trabalho apesar de ser uma profissão pesada e com vários obstáculos e relatam suas histórias com carinho. Suas atividades possuem vínculo com as práticas sustentáveis que necessitam

ser exploradas e desenvolvidas juntamente com os conhecimentos referentes as leis ambientais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O coco babaçu é uma das principais atividades econômicas realizadas no Estado do Maranhão, entretanto o trabalho das QBC é desvalorizado. Muitas delas salientam que aos olhos da sociedade e do Governo, são invisíveis, pois enfrentam preconceito com seu trabalho, tendo em vista que a quebra de coco não é considerada uma profissão. Contudo, para elas é uma atividade digna aprendida na infância. Além de ser um trabalho pesado, que possui riscos à saúde, pois inúmeras vezes se machucam com o machado afiado, as leis trabalhistas não permitem suas aposentadorias como QBC. Para se aposentarem, é necessário constar como lavradoras. Outra questão que abordam é o fato de não possuírem terras para realizar sua produção, uma vez que as terras onde trabalham pertencem aos fazendeiros.

Observamos que as participantes não possuem conhecimento da lei que garante a preservação dos babaçuais e não possuem dimensão da importância do seu trabalho para a sociedade e para a conservação do meio ambiente. Pensando neste contexto, é proposto elaborar e aplicar um projeto relacionado com a Educação Ambiental para essas mulheres entenderem e conhecerem a amplitude e a relevância de suas práticas e técnicas que realizam.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Luane Lemos Felício. As leis do babaçu livre e o desenvolvimento econômico: uma análise do conflito de interesses nas disputas socioambientais das regiões urbanas do Maranhão. **Revista de Políticas Públicas**, outubro, 2012, pp. 395-401

ANDERSON, Anthony Bennett; MAY, Peter Herman; BALICK, Michael J. The subsidy from nature: palmforests, peasantry, and development on an. **Amazon frontier**. Columbia University Press, 1991.

ARAÚJO JUNIOR, Miguel Etinger. DMITRUK, Erika Juliana. MOURA, João Carlos da Cunha. A Lei do Babaçu Livre: uma estratégia para a regulamentação e a proteção da atividade das quebradeiras de coco no Estado do Maranhão. *Seqüência* (Florianópolis), n. 68, p. 129-157, jun. 2014

KAUARK, Fabiana. MANHÃES, Fernanda Castro. MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MARANHÃO. **Lei nº 4734 de 18 de junho de 1986.** Governador do Estado do Maranhão, SãoLuís,1986.

MATOS, Francinaldo; SHIRAIISHI NETO, J.; RAMOS, Vitória. Acesso à terra, território e recursos naturais: a luta das quebradeiras de coco babaçu. São Paulo: ActionAid, 2015.

OLIVEIRA, Nathalia Cristielle Mouzinho de. **Organização de Mulheres: desafios e perspectivas para a consolidação da identidade das quebradeiras de coco babaçu no bairro Codó Novo**, UFMA, Codó/Ma, 2018

OLIVEIRA, Valdiane da Cruz. **Extrativismo do Babaçu: trabalho, renda e inclusão social para as mulheres quebradeiras de coco babaçu, em Codó-MA.** 2019. Disponível em: <https://monografias.ufma.br>.

PORRO, Roberto. Dimensões diferenciadas do engajamento camponêsno extrativismo do babaçu. **Estudos Sociedade e Agricultura**,Rio de Janeiro,v.30,n.2,6,out.2022.

SILVA, Alice Silva. O (en) **canto das quebradeira de coco babaçu no Maranhão.** Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, BACABAL, 2021.

SILVA, Maria de Fátima Sousa.**Os projetos de vida de adolescentes, filhos de quebradeiras de coco babaçu no leste do Maranhão:** escola, trabalho e perspectivas entre continuidades e rupturas. Rio Claro, 2022, 219 p.

SOUSA, Valdinea da Cruz Oliveira de. **Histórias de vida e construção das identidades detrês mulheres quebradeiras de coco babaçu de codó-ma:** Dona Francisca, Dona Delma e Dona Edelania.2022,61p.Disponívelem: <https://monografias.ufma.br>.

VIANA,Francisca Silva. PRIETO, Gustavo Francisco Teixeira.**Camponesas rebeldes:** Lutas, reprodução social e resistências das quebradeiras de coco babaçu no oeste do Maranhão. ev. Mutirão Vol.1, No. 03, 2020.